

FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DO ESTUDO DOS PRINCÍPIOS DE MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

Aluna: Marisa Targiano Schueler de Carvalho
Orientador: Abimar Oliveira de Moraes

Introdução

Mediar é propiciar um espaço novo em que a justiça possa ser restabelecida entre as partes em litígio.

Segundo [1] *Rachel Blackman*, o conflito é um fato da vida. Deus criou-nos à Sua imagem, mas também nos fez únicos. Assim, alguns de nossos pontos de vista e opiniões diferem dos das outras pessoas. Muitas vezes, o conflito ocorre devido à falta de respeito pelas necessidades e pontos de vista uns dos outros. O conflito pode ser criativo. O conflito, às vezes, é necessário para se trazer justiça onde há injustiça. Ele pode oferecer uma oportunidade para que sejam estabelecidos novos sistemas políticos e sociais e pode ajudar a modelar o futuro. Entretanto, quando o conflito se torna violento, ele geralmente causa mais mal do que bem. Após o conflito violento, frequentemente é difícil ver oportunidades para um futuro melhor devido à destruição generalizada da infra-estrutura e dos meios de sobrevivência, à perda de confiança e ao sofrimento causado pela perda de entes queridos, pelo trauma, pelo luto e pela ira. Também é possível que a mudança social já tenha ocorrido antes que o conflito se torne violento.

Esta pesquisa busca de modo teológico encontrar fundamentos para uma renovada visão de justiça, pautada no diálogo entre as concepções pedagógicas da Teologia Pastoral sobre a mediação de conflitos para a reconciliação e os mecanismos de “construção e manutenção da paz” concebida pela Justiça Restaurativa. Este movimento também inspirou-se em antigas tradições que investiam em diálogos pacificadores e construtores de consenso com raízes no Primeiro Testamento, em especial o conceito de “shalom”. A palavra hebraica *shalom* é usada em muitas passagens da Bíblia e é traduzida para o português como *paz*.

No conceito de *shalom*, podemos resumir dois aspectos característicos: 1º.- a universalidade de *shalom* que engloba todos os âmbitos da vida. Neste sentido ela tende a ser universal. *Shalom* aplica-se a todas as relações de uma pessoa: a sua relação consigo própria, com a sua família, com a sociedade mais ampla de que faz parte, com a natureza e com Deus. 2º. - A solidariedade de *shalom*, pois é completamente impensável estabelecer a *shalom* sozinho, menos ainda à custa dos outros. Por isso, não há paz onde as viúvas e os órfãos, ou seja, os mais fracos da sociedade, não estejam bem.

O conceito de *shalom*, na tradição de Israel, ultrapassa a nossa idéia de paz, entendida, de modo restritivo, no seu relacionamento com a guerra. A paz representa o conjunto dos bens que podem rodear uma pessoa ou uma sociedade, para que seja feliz e tenha sucesso. As diversas perspectivas da reflexão sublinham precisamente o caráter englobante do conceito de paz, como harmonia consigo próprio, com o mundo, com os outros e com Deus. Não se trata apenas de uma atitude interior do homem, mas a paz concretiza-se exteriormente numa vida de bem-estar, tutelada pela ordem social e pelas instituições que garantem o direito e a justiça.

Existem textos bíblicos, do Primeiro e do Segundo Testamento que indicam a “práxis” mediadora que se traduz em um novo conceito de distribuição de justiça. Restabelecer a justiça implica, entre outras coisas, facilitar as partes em litígio a adotarem uma postura pessoal que busque a reconciliação através da humanização do conflito e reconhecimento do outro.

Consideremos algumas das coisas que a Bíblia diz sobre conflitos e paz:

“De onde vêm as guerras? De onde vêm as lutas entre vós? Não vêm daqui: dos prazeres que guerreiam nos vossos membros? Cobiçais e não tendes? Então matais. Buscáis com avidez, mas nada conseguis obter? Então vos entregais à luta e à guerra. Não possuís porque não pedis.” (Tg 4,1-2)

“Ou como poderás dizer ao teu irmão: ‘Deixa-me tirar o cisco do teu olho’, quando tu mesmo tens uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão”. (Mt 7,4-5)

“Portanto, se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; e depois virás apresentar a tua oferta”. (Mt 5,23-24)

A *origem do conflito* está em insistirmos em ter as coisas do nosso modo. Queremos o que queremos e quando queremos não nos importamos como o “como”.

Quando ocorre conflito, geralmente lançamos culpa na direção oposta. Criticamos os outros, enquanto nos defendemos. Este é o *sintoma do conflito*: “Não julguem, para que vocês não sejam julgados. Pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e a medida que usarem, também será usada para medir vocês”.

Objetivos

Identificar nos relatos bíblicos a fundamentação teológica que reflete os procedimentos que poderiam hoje constituir a teoria e métodos das técnicas de mediação.

Concordo com Wolfgan Gruen [2] pois também julgo que esta pesquisa poderá ser particularmente útil:

- aos que desejam uma reflexão bíblica de certa profundidade,
- aos que encontram na Bíblia, talvez, mais problemas do que ajuda, por não conseguirem situar a literatura bíblica dentro do quadro cultural que adquiriram nos seus estudos, e,
- aos que, de algum modo, animam a reflexão de outras pessoas: pais, educadores, líderes, catequistas.

Metodologia

Gruen [2] diz que buscar de modo teológico é tentar dar o salto: superar a queixa de que “nos repetimos muito”; e de que, “depois de abordarmos tantos textos, nunca chegamos a perceber seu nexos”. Sentimos a necessidade de dar um passo à frente e nisto se constitui a nossa busca.

Sem querer simplificar o problema ou generalizar situações, parece-nos que muitas vezes o que falta é a reflexão sistemática sobre o processo histórico em que estão inseridas as narrativas bíblicas. Este processo, por si só, já é muito falante. Durante séculos, a Bíblia foi diluída com frequência numa linha quase exclusivamente individualista, subjetiva. É preciso devolver-lhe sua verdadeira dimensão, que é eminentemente comunitária e “política”: para que também a compreensão e a vivência da nossa fé voltem a assumir esta dimensão.

O que se visa é uma leitura não arqueológica mas “histórica” da Bíblia. Este objetivo condiciona também o método. Interessa-nos o que o texto diz, mas muita mais o que ele nos diz – hoje, aqui.

No processo de identificação e fundamentação teológica, encontramos para exemplificar, várias passagens do Primeiro Testamento bem como do Segundo Testamento.

Do Primeiro Testamento, nos detivemos no estudo dos Livros: Gênesis; Êxodo, 2º. Samuel e o 1º. Reis e do Segundo Testamento: Evangelho segundo São João, Carta aos Filipenses e Carta a Filemon .

Para tanto, consultamos os biblistas Dr. Leonardo Agostini Fernandes e Dr. Isidoro Mazzarolo, ambos professores do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Conclusão

Percebemos pelo estudo das Escrituras Sagradas, que determinados litígios não exigiram, necessariamente, a ação de um mediador, uma vez que foram resolvidos pela simples distribuição de justiça entre as partes, como:

Os conflitos entre Jacó e Esaú estão em primeiro plano desde o texto inicial (Gn 25,21-26). Chamou-nos a atenção o fato, que desde sua concepção, os gêmeos lutam no seio materno (v.22) e Jacó nasce atacando seu irmão: sua mão segurava o calcanhar de Esaú que nasceu primeiro (v.26).

Isaque, o pai, tinha preferências por Esaú e Rebeca, a mãe, por Jacó.

Vemos de forma clara um *conflito familiar* instaurado. Isaque tinha a autoridade de patriarca para abençoar Esaú. Ele amava o filho primogênito.

Esaú e Jacó eram personagens muito diferentes: Esaú é o caçador e Jacó, o sedentário. Suas personalidades também se opõem: Esaú é um homem bruto, preocupado com as necessidades naturais, enquanto Jacó mostra-se cerebral, planejando suas ações com detalhes.

Gruen, Wolfgan [2] nos diz que Jacó era um homem do jeitinho e da teimosia em lutar para sobreviver. Com sua esperteza acaba sobrepujando o irmão mais privilegiado. Mesmo levando na cabeça, continua lutando – até vencer. Não é a toa que foi chamado Israel : os israelitas viram nele o seu “epônimo”, isto é, o ancestral comum das 12 tribos.

No ciclo de Jacó é que se estabelece a ponte entre as tradições sobre os “filhos de Israel” em Canaã e os que emigraram para o Egito.

A bênção aparece aqui como um conceito muito importante para todo Primeiro Testamento. Embora atualmente seja uma realidade um tanto desprestigiada entre muitos, vale a pena determo-nos um instante sobre ela.

Basicamente, a bênção é um dom de Javé, que não só atinge o *ter*, mas penetra profundamente o mesmo *ser* do homem, orientando-o para Deus na sua mesma estrutura. Deste modo, a bênção não é alienante, pelo contrário, renovado pela bênção divina, o homem será mais puramente humano. Nas narrativas javistas encontramos um aspecto curioso da bênção: ela é dada em vista da Terra Prometida; receber a bênção é receber uma força que dá prosperidade, fertilidade e felicidade – bens estes concretizados pelo javismo na Terra. (Assim também se compreende melhor o que significa para o israelita – ainda hoje – a sua Terra).

Ao que parece, o texto visa apresentar de modo plástico a conversão de Jacó; é este o significado da luta noturna (Gn 32,14-32), e da mudança de nome (ou seja, de vida). Jacó/Israel é, repetimos, o epônimo dos israelitas : é deles que aqui se fala; a bênção final é para eles. As etimologias são explicadas não filológica, mas teologicamente.

A diferença entre os dois irmãos aumentou quando Esaú vendeu o seu direito de primogenitura a Jacó, em troca de um prato de lentilhas cozidas (v. 29-34).

O direito de primogenitura em Israel constituía-se em que o filho primogênito do sexo masculino, em todas as famílias, bem como o primogênito de todos os seus animais, era consagrado ao Senhor. Esaú desprezou o seu direito de primogenitura, que incluía não só direitos patrimoniais, uma porção dobrada da herança paterna (conf. Dt 21,17), mas também um aspecto espiritual: ele era o sacerdote da família (conf. Nm 8,17-19), além de lhe assegurar a promessa da semente na qual todas as nações da terra seriam abençoada (conf. Gn 22,18 – Pacto Abrâmico). O primogênito também recebia uma bênção superior de seu pai, que em suas crenças, poderia moldar o futuro em favor desse filho.

Rebeca ajudou Jacó a passar-se por Esaú, para interceptar a bênção de Isaque, reservada por direito ao primogênito Esaú. Jacó comete um segundo ato de astúcia e recebe a bênção paterna que se destinava a seu irmão (cap.27, 1-45). O fato cria uma inimizade ainda maior entre os gêmeos e dá origem ao *litígio* entre os dois irmãos. *A consequência do ato de Jacó gerou o ódio de Esaú por seu irmão, que teve de fugir para não ser vítima de um fratricídio.*

A reconciliação (conf. Caps.32-33): Jacó com o coração transformado, agora deseja reconciliar-se com Esaú devolvendo-lhe, não o ato da bênção, mas os frutos da bênção, o *shalom* acompanhado dos dons que ele traz para o irmão.

É interessante notar que Jacó oferece como fruto da bênção, aquilo que foi o resultado de 14 anos de serviços prestados a seu tio Labão, uma reparação material.

Na reconciliação dos dois irmãos, o ofendido lançou-se ao encontro do ofensor, abraçou-o e o beijou. E eles choraram (conf. Gn 33,4).

A história desta família é marcada por inveja, ódio, mentiras, mas termina com a marca do perdão, do amor e da reconciliação o que fez que pelo resto das suas vidas mantivessem relações amigáveis.

Todavia, quando as partes se apegaram aos seus supostos direitos e não conseguiram sair de suas visões pessoais, a figura de um mediador que os ouviu imparcialmente pode servir como iluminador que facilitou a identificação dos interesses em comum, favorecendo um possível acordo, como:

Na história de mediação na comunidade de Filipos – na Carta do apóstolo Paulo aos Filipenses em seu cap. 4,2-3:

Não há dúvidas de que a igreja filipense era afligida pela desunião. Em 4,2 Paulo roga a duas mulheres, Evódia e Síntique, a "viver em harmonia", e a disputa entre elas era tão grave que Paulo designa na carta, um mediador anônimo, para "ajudá-las", e provavelmente encontrar uma forma de pôr fim à contenda. Suas discordâncias parecem ter passado para a comunidade e a afetado. Paulo faz uma exortação à unidade que deve existir entre aqueles que são leais ao Senhor subordinando a Ele seus sentimentos e preferências pessoais (vv.2-3).

Nesta seção, Paulo exorta essas duas possíveis diaconisas da igreja em Filipos: Evódia e Síntique. O verbo “exortar” ou “instar” (*parakalō*) é usado duas vezes e atribuído a cada personagem. Com isto Paulo demonstra o quanto é imparcial nesta desavença. Paulo roga para que elas “sejam unânimes no Senhor”. Embora o texto bíblico não apresente o motivo pelo qual as duas cristãs estavam em desacordo, acredito que a causa era teológica. O verbo *phroneō*, “pensar”, é usado freqüentemente com o sentido de “formar uma opinião” ou “emitir um juízo”, como está em At 28,22 e em 1 Co 13,11; e o uso do dativo “no Senhor” (*en Kyriō*), “reflete o fato de que este assunto não estava relacionado a brigas insignificantes, mas, antes, a um assunto relacionado à mensagem do evangelho dentro da igreja”.

Para por fim a esta desarmonia, Paulo apela à seu “verdadeiro companheiro” incógnito (pois o nome Sízigo não é um nome próprio, quer dizer : “colega”, “companheiro”).

Como podemos ver, no Primeiro Testamento, a passagem do Livro de Gênesis 25,29 a 33,17, mostra-nos que a atitude de Jacó no passado havia causado em Esaú um desejo de vingança: matar Jacó, por se sentir prejudicado. Jacó se reconcilia com Esaú devolvendo a este, não o ato da bênção interceptada, mas os frutos da bênção, o *shalom* acompanhado dos dons que ele traz para o irmão. Aqui a reparação ocorreu através da materialização do dano.

Já no Segundo Testamento constata-se uma mudança do paradigma, a reparação é feita através da reconciliação mediada, como se configura na passagem da carta aos Filipenses 4,2-3:

Isidoro Mazzarolo [3] nos recorda da “exortação do apóstolo Paulo, às duas batalhadoras e depois a Sízigo, para que tome uma posição de mediação.

Síntique e Evódia estavam em conflito e estavam dando um mau exemplo na comunidade.

Elas eram mulheres líderes na Igreja de Filipos (cf. Atos 16), além de serem bem-sucedidas economicamente. Eram duas senhoras que tinham tudo para alavancar a Igreja de Filipos. No entanto, essa liderança estava sendo comprometida, talvez pelo excesso de autonomia, de boas condições e da própria ambição com que cada uma se revestia.

Sízigo é convocado para ser o mediador oficial na proposta de reconciliação entre Síntique e Evódia. Ele é um amigo de Paulo, conhecido e confiável, que aceita a incumbência de reconciliar, mesmo tendo que sair do quase absoluto desconhecimento. As circunstâncias fizeram com que Paulo o convocasse para ir à público tomar uma postura de mediação.”

A *solução para o conflito* não está no que frequentemente tentamos fazer: “manter a paz” ignorando o conflito ou com algum tipo de arranjo, deixando que os sentimentos hostis permaneçam. O melhor não é simplesmente fazer arranjos para uma acomodação, mas sim levar as partes a uma reconciliação para que haja cura e restauração do relacionamento.

Referências bibliográficas

- [1] BLACKMAN, Rachel, *Construindo a Paz dentro das nossas comunidades*, Manual Roots: Recursos para Organizações com Oportunidades de Transformação e Socialização, <http://tilz.tearfund.org/Portugues/ROOTS/>, visitada em 16 de fevereiro de 2009.
- [2] GRUEN, Wolfgang, *O tempo que se chama hoje: uma introdução ao Antigo Testamento*, Ed Paulus, 6 edição-S.Paulo, 1985.
- [3] MAZZAROLO, Isidoro, *Carta de Paulo aos Filipenses*, Mazzarolo Editor, 2009, pgs. 157/159.
- *Bíblia de Jerusalém*, Editora Paulus, 9ª impressão, maio de 2000
 - EICHER, Peter (diretor), *Dicionário de Conceitos fundamentais de Teologia*, Ed. Paulus, São Paulo, 1993.
 - LACOSTE, Jean-Yves, *Dicionário Crítico de Teologia*, Paulinas e Ed. Loyola, São Paulo 2004.
 - LÓPEZ, Félix García, *O Pentateuco*, Ed. Ave-Maria, 2ª. Edição, São Paulo, 2006.
 - MONASTÉRIO, Rafael Aguirre E CARMONA, Antonio Rodrigues, *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, Ed. Ave-Maria, 3ª edição, São Paulo, 2004.
 - SICRE, José Luiz, *Introdução ao Antigo Testamento*, Ed. Vozes, 2ª. Edição, 1994.
 - ZENGER, Erich, *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola. 2003.